

NOSSA CAPA



20 ANOS DA MULHER MILITAR NA MARINHA Lembranças e experiências

SYLVIA DA COSTA ORAZEM
Capitão-de-Corveta (S)

INTRODUÇÃO

Sou filha de militar, nasci em lençóis militares, fui criada em Vila Militar e só tive exemplos de luta e coragem dos meus pais para o enfrentamento dos desafios da vida. Destes, recordo-me bem, ainda era muito pequena, quando meu pai, militar da Aeronáutica, encontrava-se a serviço da ONU, por um período de um ano em missão na África. O rosto de minha mãe expressava sempre a preocupação e a dúvida do seu retorno vivo e com saúde. Criando quatro filhos pequenos, sozinha, numa Vila Militar no Rio de Janeiro, não tinha nem parentes próximos para um apoio, porque residiam na Bahia, mesmo assim, ainda encontrava forças para estudar e trabalhar.

Aos 45 anos de idade ainda não possuo sabedoria suficiente para deixar grandes ensinamentos porque ainda tenho muito que aprender, entretanto deixo o exemplo para as gerações mais próximas de alguém que ama imensamente a Marinha e consegue manter vivo este sentimento, mesmo enfrentando difíceis e diferentes papéis sociais como descrevo alguns, neste breve relato de uma lembrança, de uma experiência.

O INGRESSO...

Após quase dois anos como professora civil da Escola de Saúde da Marinha, tive notícia, pelos meus próprios alunos (sargentos e cabos dos Cursos de Aperfeiçoamento e Especialização em Enfermagem), de que a

Marinha abriria concurso para mulheres ingressarem na vida militar. A notícia me foi dada em sala de aula e fiquei mais surpresa com a expectativa e a alegria dos alunos que pareciam já estarem vendo-me oficial, do que com a notícia em si, e este foi o meu primeiro orgulho. Percebi naquela manifestação unânime, de mais de 60 alunos, que havia conquistado o primeiro passo: a credibilidade.

O CONCURSO

O Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha (CAFRM) foi criado em 1980 a fim de suprir a Marinha com oficiais e praças da reserva para o exercício de funções técnicas e administrativas em Organizações Militares em terra, mediante convocação para o serviço ativo. O primeiro concurso, para esta iniciativa pioneira da Marinha, foi um desafio para todas as milhares de concorrentes em todo o país. A prova não era de conhecimentos profissionais e, sim, uma rigorosa prova de Estudos de Problemas Brasileiros, ou seja, seria a grande peneira para selecionar apenas 200 candidatas ao oficialato. Isto fez com que várias funcionárias civis desistissem do concurso. Foi minha primeira batalha. Estudei como louca. Só pensava nisto: "Não importam as dificuldades, ... Quero entrar para a Marinha!". Enfim, no dia do concurso, sentia-me preparada mas tive uma inesperada cólica renal, popularmente chamada de "crise de pedra nos rins". Clinicamente é considerada uma das piores dores no ser humano, assemelhada à "dor-de-parto". Pela primeira vez não tinha a família por perto, estavam em viagem. Eu estava só. Orei a Deus e, com muita fé e uma grande força de vontade, me arrastei até ao Maracanã, e, durante a prova, suor, dor e lágrimas se intervalavam na conquista de algo que se tornara para mim **um grande sonho: ser marinheira!** Após a aprovação, aprendi que a verdadeira força é aquela que vem de dentro de nós.

O CURSO DE ADAPTAÇÃO AO OFICIALATO

O Centro de Educação Física Adalberto Nunes (CEFAN) foi a sede do primeiro Curso de Adaptação ao Oficialato. Na época, jovens femininas de todas as regiões do Brasil se concentravam por um período de quatro meses, revendo familiares apenas nos finais de semana. Sentiamo-nos como uma "turma co-baia". É natural, tudo que foi planejado e executado para o treinamento de mulheres estava no plano da primeira vez. O nível de exigência era bem superior ao de hoje, mas considero, até isto, um acerto, porque tínhamos que servir de exemplo para as que viessem depois. Mas vivemos também situações interessantes e até engraçadas.

Uma Vergonha Engraçada

Quando penso em uma experiência engraçada, só consigo lembrar-me de um fato do qual talvez várias colegas da primeira turma ainda se lembrem: tivemos, no ginásio de esportes do CEFAN, uma demonstração sobre defesa pessoal com um grupo de professores. Especialmente convidados e vestidos de forma adequada, eles só possuíam, como instrumento, o tapume no chão e um cacetete na mão. O fundamental da técnica de defesa pessoal ministrada era que "a técnica sempre vence a força". De posse deste paradigma, várias demonstrações foram realizadas pelos professores. Sempre um deles utilizava o cacetete para bater no outro e este utilizava-se de uma técnica para retirar o cacetete do adversário e derrubá-lo.

Ao final destas aulas práticas, o professor, responsável pelo grupo convidado, pediu permissão ao comandante do CEFAN para utilizar uma das guardas-marinhas para nova demonstração. O comandante solicitou uma voluntária. Como não apareceu nenhuma, as colegas, em coro, me chamaram, pois eu

era uma das mais “fortinhas”. Posicionada no tapume, o professor se dirigiu a mim para me atacar com o cacetete com certa velocidade. Naquele momento nem me lembrava mais qual era a técnica de defesa ensinada. Num ato reflexo, agarrei o cacetete com as duas mãos e, sem saber como, parti-o quase que instantaneamente ao meio. Só consegui ouvir as gargalhadas de todas as guardas-marinhas que me acenavam como se eu tivesse ganho uma olimpíada.

O comandante do CEFAN e os instrutores não agüentaram e riram muito também.

Eu fiquei com tanta vergonha de ter quebrado o cacetete que mal pude olhar para o professor que ficou pasmo diante de mim e, em silêncio, com seus olhos parecia me perguntar como conseguira fazer aquilo. Para todos nós ficou a lição: as palavras sempre e nunca devem ser utilizadas com certo cuidado nos ditos paradigmas, porque **tudo na vida é circunstancial**.

O CORAL FEMININO DE OFICIAIS

Naquela época, nosso tempo era muito bem preenchido, durante o dia, com aulas teóricas, TFM, marchas, etc... mas, as noites eram um pouco solitárias. As guardas-marinhas estudavam, conversavam ou se reuniam no hall dos alojamentos para tocar violão e cantar. Eram encontros agradáveis tão gostosos, tão descontraídos e nos faziam tanto bem. Era o espírito de uma grande instituição que estava nascendo em nós: **o espírito da praça d'armas**.

Numa destas noites em que eu tocava violão, nasceu do próprio grupo a idéia de formarmos um coral feminino.

O Coral do QAFO (Quadro Auxiliar Feminino de Oficiais) foi então efetivado no dia 1º de maio de 1981, após a aprovação do comandante do CEFAN. Originou-se do espírito de realização das guardas-marinhas pertencen-

tes à primeira turma do Curso de Adaptação ao Oficialato.

Inspiradas no consenso do dever, da disciplina, da ética e, principalmente, do exemplo militar, as integrantes do coral desenvolveram os seguintes propósitos: maior integração entre as oficiais; ter a disciplina como fundamento; recreação dirigida; educação do ouvido, ritmo, voz, dicção e vocalização; e, principalmente, a divulgação da Marinha por meio de uma atividade cultural.

A liderança do coral foi assumida por mim, enquanto guarda-marinha, organizando a atividade, baseando-me numa longa experiência em canto coral e principalmente no valor e interesse demonstrado pelas integrantes. E assim ... iniciamos um trabalho na Marinha com muito amor. Durante o curso, transformou-se numa atividade extracurricular para as que possuíam perfil artístico-cultural. Após o curso, sempre após o expediente, à noite ou nos finais de semana, continuávamos a “**fazer Marinha**”.

O Coral de Oficiais da Marinha

Hoje, com a extinção do CAFRM e com a conseqüente incorporação da mulher nos diversos corpos e quadros, o coral deixou de ser feminino para se adaptar à nova realidade naval. Possui militares de ambos os sexos, representantes dos diferentes corpos e quadros. Entretanto o que há de mais valioso não mudou: a verdade do sentimento que tem sustentado este trabalho que continua a se desenvolver à noite, fora dos horários de expediente e despretensiosamente há 19 anos! Este sentimento é **o amor à arte e à Marinha!**

O repertório do coral é eclético, embora preferencialmente tenha o mar e o civismo como temas. O coral tem divulgado o nome da Marinha desde a sua criação.

Há 36 anos a música acompanha a minha vida e isto faz que, a cada dia, eu me sinta uma pessoa melhor e ajude outros a sentirem o

mesmo". A música, em especial a arte coral, é o dom que Deus, com toda a sua generosidade, me concedeu e trazê-la para a Marinha é uma profunda expressão que vai além da obrigação, além da farda, e que **ajuda a mantermos a chama viva do fogo sagrado.**

Porém, para compreendê-la, é preciso estar em sintonia com ela.

A canção "Mulheres em Armas". A idéia que deu certo.

Sou a compositora mas a idéia não foi minha.

Quando já estava se aproximando a data da formatura da primeira turma de mulheres militares do país, que se esperava ser de grande repercussão nacional, o Comandante do CEFAN ficou preocupado com o que seria cantado durante o desfile militar de formatura. Reuniu então as 200 guardas-marinhas e promoveu um concurso extensivo a todas. Aquela que apresentasse a melhor canção teria, como prêmio a sua música ensaiada e cantada por todas no dia da formatura.

Eu fui a única que apresentou um trabalho musical. Fiquei imensamente feliz por ter sido de imediato agrado das colegas, do comando e posteriormente da própria Marinha. Após ter sido orquestrada pelo Maestro Ted Moreno, na época, da Rede Globo de Televisão, foi difícil conter a emoção de marchar no dia da

formatura, ouvindo todas cantarem com toda vibração o refrão do estribilho:

Brasil, tens agora mulheres

A servir também em Armas!

A Bandeira, como escudo.

A Marinha, como espada.

O exemplo, nossa missão!

O coração parecia que ia me saltar do peito.

No dia seguinte, os jornais noticiaram que um dos momentos mais emocionantes da cerimônia fora o desfile ao som do canto do hino "Mulheres em Armas".**

Almirante Maximiano Eduardo da Silva Fonseca – criador e patrono das Mulheres Militares da Marinha

Para mim, ele significa muito mais do que um patrono pode significar para uma coletividade.

E tive o privilégio de conhecer o ser humano que existia dentro daquele grande chefe naval.

E isto aconteceu quando participei do primeiro grupo de mulheres militares da Marinha que marchou em Brasília. Foi outra grande emoção a manifestação do público

feminino civil, pelos efusivos aplausos.

Após o desfile, tivemos a notícia de que o Almirante Maximiano, então Ministro da Marinha, ficou orgulhoso com o nosso desempenho e queria conhecer a autora da canção cantada durante a formatura da primeira turma.



Almirante Maximiano, patrono das Mulheres Militares da Marinha

*NR: A autora aprendeu regência com grandes mestres da música sacra como Edgarg Hallock e Joan e Boyd Sutton, missionários americanos, aos 9 anos de idade. Desde então, a música, em especial o canto coral, faz parte de sua vida. Foi regente de coro infantil, de adolescentes e adultos, antes de entrar para a vida naval.

**NR: Veja no final do artigo a versão original completa. (Anexo A)

Eu era uma recente segundo-tenente, jovem e sonhadora. Tremi quando soube que estaria diante de um ministro. Pensava que ministros não falavam com tenentes. Quando fiquei diante dele, tremi muito mais e ele, ao perceber isto, num gesto suave e paterno, solicitou que me servissem sorvete. Acho que era para me acalmar.

O Almirante Maximiano, então, expressou o seu agrado pela minha vibração pela Marinha e pela letra e música da canção *Mulheres em Armas*, e me disse que o trabalho musical seria julgado por poetas e músicos e, se aprovado, seria instituído como "Canção Oficial das Mulheres Militares da Marinha". E assim o foi.

Ele era um verdadeiro chefe. Um exemplo para todos nós.*

MEMÓRIAS DE UM PASSADO RECENTE...

Passado recente, porque parece que foi ontem que engatinhávamos na Marinha. Quando nós, oficiais da Primeira Turma, espalhadas nos diferentes segmentos da Marinha nos encontramos ocasionalmente no rancho do Primeiro Distrito Naval, rimos muito, recordando os nossos primeiros erros, na colocação das platinas, do trabalho que dávamos às policiais femininas de São Paulo que eram nossas "guardiãs", das competições esportivas e da nossa festa junina à caipira, que se tornavam num grande conagraçamento de turma. Até os treinamentos mais rigorosos e formais como a Ordem Unida, ao som de canto e banda, acabavam se tornando prazerosos.

As visitas a navios, submarinos e outras organizações operativas e administrativas de terra nos permitiram uma visão da dimensão

da nossa Marinha, mesmo a pequena viagem no NaeL *Minas Gerais*, o que muito nos encantou.

O início da nossa vida naval nos presentou com uma carga horária significativa nos treinamentos e na própria Parada Militar da Independência. O Brasil queria também nos ver. Naquela época havia uma maior cobertura de todos os meios de comunicação. O público gosta e sempre gostou desta nobre manifestação cívico-social, vibra com ela e está sempre presente em todo o Brasil.

Nós, oficiais e praças da Primeira Turma participamos do primeiro destacamento feminino que marchou em Brasília e é impossível mensurar a emoção que nos enchia o coração, quando ouvíamos o público civil feminino chorar, gritar, nos chamar, aplaudir intensamente como se quisesse nos dizer que estava se realizando em nós.

Alguns anos depois, emoções semelhantes voltamos a reviver nas cerimônias de assunção da Marinha na passagem da guarda dos Mortos da Segunda Guerra Mundial com o nosso Coral Feminino de Oficiais, a Banda Marcial do Corpo de Fuzileiros Navais e o Pelotão Imperial Marinheiro Marcílio Dias e a grande divulgação da Marinha, no Dia do Marinheiro, para o público paulista no Morumbi. Neste evento também participaram o nosso Coral Feminino, as bandas Sinfônica e Marcial do CFN e o Pelotão Imperial Marcílio Dias. Fomos muito aplaudidos, traduzindo o orgulho e a admiração que a sociedade brasileira tem pela Marinha.

O aniversário do CAFRM

Com o intuito de manter a chama acesa da vibração pela vida naval, anualmente

*NR: No final do artigo, como anexo B), o acróstico apresentado no auditório da Escola Naval, sob forma de jogral pelo Coral de Oficiais da Marinha durante a solenidade de homenagem prestada pela SOAMAR instituindo o Almirante Maximiano, Patrono da SOAMAR-Brasil, no dia 06 de novembro de 1999.

comemoramos o nosso aniversário de ingresso da mulher militar na Marinha e, neste ano 2000, estamos comemorando o nosso 20º aniversário. O tempo passou muito rápido.

Destas experiências, podemos ter como grande aprendizado o de que sempre vale a pena tudo o que realizamos, acreditamos e somos.

Aprendemos que é preciso ser mais do que a ostentação que uma bonita farda pode mostrar. E este algo mais que está dentro de nós é o que verdadeiramente divulga a Marinha do Brasil.

EXPERIÊNCIA DO PRESENTE... A MULHER MILITAR NAS AÇÕES CÍVICO-SOCIAIS DOS FUZILEIROS NAVAIS (OPERAÇÃO DRAGRÃO/ACISO).

O trabalho profícuo de integração multiprofissional entre os Fuzileiros Navais e as militares femininas, nas ACISO, tem sido a maior prova do êxito desta possibilidade, obtendo-se o sucesso da Marinha junto às comunidades carentes do interior, onde é possível levar apoio profissional nas áreas de educação, saúde, civismo e religião, com atividades pedagógicas, como concursos infanto-juvenis de desenho, redação, olimpíadas, além de atendimentos e aulas de prevenção médico-odontológica e de enfermagem.

Para nós, mulheres militares que já atuamos em conjunto com os Fuzileiros Navais, tem sido uma emoção marcante, a cada operação, desde o momento de vestirmos o camuflado, e quando o fazemos, já nos sentimos um pouco "fuzileiras".

Ao enfrentarmos o nosso campo de batalha que são as imensas filas para atendimento médico-odontológico e a atuação nas escolas carentes, recebemos milhares de abraços,

sorrisos, muitos beijos e até lágrimas, daqueles pequenos carentes que vão para a escola, muitos deles, descalços porque não possuem ao menos um chinelo de borracha e *vêm nos fuzileiros e "fuzileiras", aqueles que a cada ano levam a esperança.*

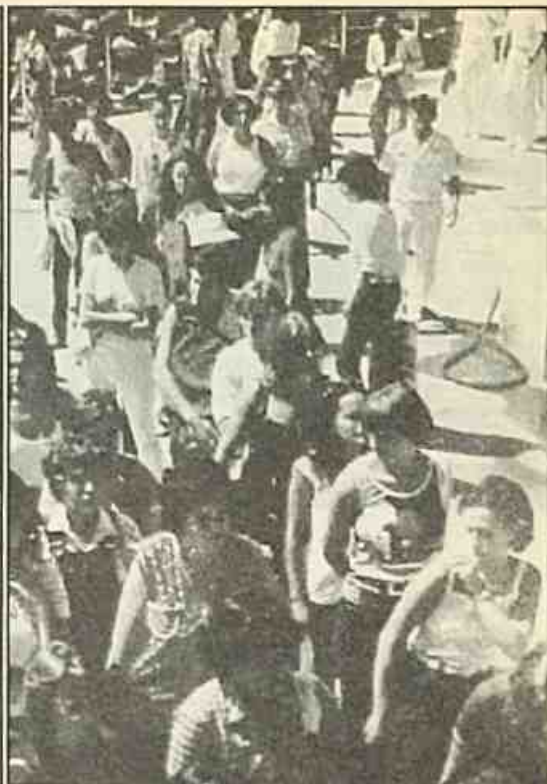
Nos anos de 1998 e 1999, juntamente com oficiais femininas lotadas no CFN, vivi na ACISO a mais intensa e inesquecível das experiências. O trabalho cívico-social com cinco mil crianças, onde pudemos ensinar o nosso Hino Nacional e os valores da pátria. Vê-los cantar, junto com a banda, como um grande coral infanto-juvenil de crianças normais e especiais, me fez e ainda me faz chorar.

Este trabalho é uma paixão que eu não gostaria que se apagasse na nossa vida, na nossa memória e no nosso coração e **devemos esta oportunidade aos Fuzileiros Navais.**

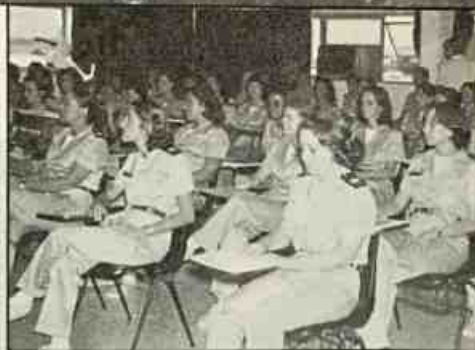
MARINHEIRAS DE PRIMEIRA VIAGEM – A EXPERIÊNCIA DA VIDA EMBARCADA

Apesar de pouco tempo, apenas dez dias de mar, foi o suficiente para avaliar mais de perto a Marinha operativa e o desafio daqueles que trabalham no mar. O *stress* das fainas de bordo, a solidão do mar, a distância da família e o que é marear. O conjunto perfeito para qualquer poeta do mar.

As oficiais femininas que tiveram a oportunidade de embarcar, mesmo por pouco tempo, tiveram também, nas suas diferentes especialidades profissionais, a oportunidade de perceber melhor o homem que recebemos nos serviços que prestam assistência médica, social, jurídica e psicológica. As que viveram plenamente a experiência consideraram-na maravilhosa. **É uma experiência que nos induz a pensar e a nos aprimorar.**



UMA NOVA VIDA



As novas marinheiras (praças à esquerda, oficiais à direita) ao desembarcarem no seu novo destino; e uma aula ministrada para guardas-marinhas no CEFAN

Inspeção das praças do CAFRM na Marambaia pelo Patrono das Mulheres Marinheiras, Ministro Maximiano da Fonseca; e formatura da primeira turma de oficiais do Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha





Acima: Destacamento Feminino no desfile de 7 de Setembro/99.

Ao lado: a autora do artigo a bordo do NDD Ceará.

Abaixo (da esquerda para a direita): coral de oficiais da Marinha; aluna vencedora do concurso Infanto-Juvenil, da letra do hino do amigo mirim dos Fuzileiros Navais - ACISO/98; a experiência de embarque, no NDD Ceará, por ocasião do Programa Comunidade Solidária, do Governo Federal; e homenagem a Sra. Heloisa, viúva de Maximiano da Fonseca, após a nomeação do Almirante como Patrono.



CONCLUSÃO

A evolução feminina na sociedade e no mercado de trabalho impôs à mulher uma condição polivalente: esposa, companheira, mãe, dona-de-casa, enfermeira, gerente do lar, profissional e militar.

São difíceis papéis porque, para o sucesso do resultado de todos eles, a vida

exige que a mulher seja muito boa na execução dos mesmos. Somos permanentemente exigidas e cobradas nestes papéis, não nos permitindo sermos “regulares” em nenhum deles.

Por isso, **ser várias mulheres em uma, conciliando e equilibrando todos estes papéis sociais e ainda servir bem à Marinha é o maior dos desafios.**

CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<PESSOAL>/Corpo Feminino/; Comemorações;

ANEXO A

Versão Original da Canção Mulheres em Armas:

“Mulheres em Armas”

(Letra e Música: CC(S) Sylvia da Costa Orazem)

I

*No céu se esconde o infinito sagrado
No mar surgiram os heróis do passado
Aqui estamos vivendo conquistas
Conquistas sem guerra
Conquistas da era*

Estribilho

*Brasil, tens agora mulheres
A servir também em armas
A bandeira como escudo
A Marinha como espada
O exemplo, nossa missão!* } BIS

II

*Ó Marinheiras, honrai a escolha
Com as espías do senso e dever
Içai com garbo a bandeira da glória
E Recebei salvas,
Fiéis, recebei*

III

*Tal como barcas, escunas, galeras
Mas corajosas sonhai ser esquadra
O desafio acompanha os que buscam
Num só Corpo, num só ser, lutar
Pela grandeza do Brasil!*

ANEXO B

Acróstico em homenagem ao Almirante Maximiano Eduardo da Silva Fonseca

(Autor: CC(S) Sylvania da Costa Orazem)

Muitos e muitos anos
Agraciados fomos, por seus grandes feitos
Xilografados nos brasões da História
Inúmeros marcos do nosso Patrono
Memorizados estão
Indistintamente nos nossos corações
As Mulheres Militares e os Amigos da Marinha
Na Pasta da Marinha hoje estão e por isso lhe devotam
Obstinada Gratidão

Deus o tenha em acolhido barco
Ainda que em infinito horizonte

Fomos e somos, de sua criação
O futuro da nova geração
No mar profundo da saudade
Selamos hoje esta homenagem ao
Eterno vulto naval que
Conquistou para a Nação, simplesmente nós...
Amigos da Marinha e Mulheres Militares da Marinha !!

A soberania é uma qualidade do
poder, e a força é o exercício violento
desse poder.

*Eduardo Ítalo Pesce**
(Monitor Mercantil 23/2/00)

* N.R.: Eduardo Ítalo Pesce é colaborador da RMB há longo tempo.

É especialista em Relações Internacionais e professor e coordenador do Programa Especial de Desenvolvimento da Inteligência e da Criatividade (Pedic) da UFRJ.

Os quatro pensamentos apresentados às páginas 18, 105, 109 e 143 foram extraídos do artigo *Fundamentos de um projeto de potência*, de autoria de Eduardo Ítalo Pesce e publicado no Monitor Mercantil de 23/2/2000.